

Wilton Cardoso

Depoimento

Letícia Malard | UFMG

Respirando fundo, começo declarando que, a pouco mais de três meses de sua morte, ainda não me sinto preparada para falar em público sobre o Wilton, meu amado companheiro durante mais de duas décadas. Carregado de emoção, e sem o distanciamento temporal e afetivo necessário para alcançar um nível razoável de objetividade, este depoimento visa desenhar, no limite do tempo, alguns traços de sua personalidade histórica e intelectual. Como não poderia deixar de ser, minhas percepções podem não conferir com as dos que o conheceram de perto: parentes, amigos, colegas, ex-alunos e mulheres que também o amaram e que com ele conviveram em algum período de seus oitenta e três anos e dois meses de vida bem vivida. Na condição de sua última companheira, gostaria de privilegiar aqui aspectos de seu modo de ler e compreender o mundo: o ofício de viver, as amizades e os conhecidos, o magistério, a língua e a literatura, a família. Pretendo dar um depoimento informal e descontraído, pois, caso contrário, não terei condições de segurar as lágrimas e, assim, o público ficará a ver navios.

A vida era para o Wilton uma eterna festa e uma sublime ironia. Enquanto estivemos juntos, nunca o vi em estado depressivo, reclamando da condição humana, renegando o viver. Não sendo uma pessoa estressada, vivia intensamente todas as experiências, sem temores nem preocupações com aquilo que Machado de Assis designa de *olhar agudo da opinião*. Até o último momento, falava da beleza de viver. Mesmo fumando mais de um maço por dia – e o fez ininterruptamente durante setenta anos, para desgosto de seu clínico geral Célio de Castro – era raro ficar doente. Quando precisava ir ao médico, já adiantava que não tomaria a caixa ou o vidro inteiros dos medicamentos e cumpria a promessa. Sua meta era viver cem anos, mas, como se vê, não se prevenia com os necessários cuidados para isso. O pior mesmo era ser dependente químico do cigarro. Nos últimos tempos, não lia jornais para não se aborrecer, mas via o noticiário da televisão. Quando eu lhe dizia que acabava dando na mesma, respondia que era diferente: a palavra lida era devastadora, permanecia gravada na memória por mais tempo. No jornal, dizia ele, ninguém lia uma palavra, nem mesmo uma frase, pela metade. O olhar avançava adiante, sem que o leitor pudesse controlá-lo. Já no rádio ou na TV, em um segundo cortava-se pela raiz, via controle remoto, a palavra e/ou a imagem anunciadoras de más notícias, más no sentido de causar incômodo, revolta, raiva e maltratando o saudável coração.

O Wilton nunca foi de ter muitas amizades, mas, as que tinha, não eram necessariamente homens e mulheres de sua geração. Sempre gostou de conviver com pessoas das mais diversas faixas etárias – e isso acentuava-se à medida que envelhecia. Costumava dizer que, se envelhecesse com os amigos, correria o risco de morrer sem deixar amigos. Os de Belo Horizonte, não necessariamente ligados às Letras, se reuniam num Café em ponto privilegiado do centro da cidade, aonde o Wilton ia quase todos os dias e lá ficava pelo menos uma hora. Essa era sua maior diversão, nos últimos, digamos, quinze anos. Além dos que lá iam, encontrava-se com muita gente conhecida de longa data, que, passando pela Praça Sete, ali parava para um dedo de prosa com ele. Sempre tomou cafezinhos o dia inteiro, talvez para compensar a não ingestão de bebidas alcóolicas, exceto meio chope no almoço dos domingos. A roda desse Café era variada, em idade e profissão, e nela se incluía Anderson, o engraxate: hoje, casado e pai, foi seu amigo desde os oito anos de idade.

Nessa área de conhecimento do Outro, o Wilton às vezes me fazia passar vergonha. Pessoas públicas, que eu tratava com cerimônia, eram trata-

das por ele com intimidade: ou por serem grandes amigos, ou terem sido seus colegas, ou alunos, ou tê-los conhecido quando crianças. Numa solenidade na Academia Mineira de Letras – à qual ele pertenceu – estava o presidente da República, pouco tempo depois de chamar a atenção da mídia devido à presença de uma modelo em seu camarote, numa noite de carnaval. Rodeado de pessoas, o presidente o cumprimenta, à moda de muitos o cumprimentarem:

– Grande Mestre, como vai essa força?

E o Wilton, que não freqüentava carnaval, respondeu:

– Não tão grande quanto a sua, Presidente, pois nenhuma modelo nunca subiu no meu camarote.

Certa vez, em outra solenidade, encontrou-se com o Presidente do Supremo Tribunal Federal, e lhe deu uma bronca, em íntima linguagem, a propósito de um processo contra os professores universitários federais, que por lá tramitava. Algumas pessoas que rodeavam o ministro se entreolharam, com certeza pensando estar diante de um velho caduco. O Wilton não perdeu a elegância. Encarou-os e disse:

– Posso falar com ele de igual para igual porque, além de ser meu conterrâneo, eu já era rapaz quando assisti ao batizado dele. Aliás, foi uma bela festa.

O Mestre tinha ótima memória: evocou detalhes da festa, detalhes que não surpreenderam o ministro, levando-o a dizer aos ouvintes que era aquilo mesmo que sua família contava.

Nesses momentos, e em outros a eles parecidos, eu lhe dizia, carinhosamente:

– Você acaba parecendo ser muito mais velho do que é.

Se não, vejamos: foi amigo do poeta, diplomata e historiador da literatura brasileira Ronald de Carvalho, morto em 1935; participou da comissão de intelectuais que aqui organizou o 2º Congresso Nacional de Escritores, em 1946, quando conheceu Graciliano Ramos. Mais ou menos nessa época, acompanhou – com alguns amigos, entre eles os escritores Emílio Moura e Fernando Sabino – o Mário de Andrade a um bar, na Avenida Amazonas com São Paulo, em uma das poucas visitas do escritor a Belo Horizonte. Ali tomaram chope e ouviram Mário dizer que escrevera o *Macunaíma* por brincadeira. Eu, que até hoje tenho esperanças de conhecer o Graciliano, autor que trabalhei em minha tese de doutorado e morto em 1953, e o Mário, cujo brilhantismo me fascina, morria de inveja desses conhecimentos.

Era também um apreciador de mulheres interessantes. Fã de uma famosa atriz de novelas, tão apaixonada por Machado de Assis quanto ele, a ponto de ela ter dado a um filho o mesmo prenome do escritor, viu-a numa conferência sua. Indo cumprimentá-lo depois, o Wilton não acreditava no que via e, na lata, lhe disse que ele era o próprio Zé das Medalhas – nome do marido da atriz na novela de que mais gostava: *Roque Santeiro*, de Dias Gomes.

Como bem falou o padre Geraldo Magela, Reitor da PUC Minas, no sermão da missa de corpo presente, o Wilton foi, antes de mais nada, o Professor com letra maiúscula. Pertenceu à primeira turma desta Faculdade, quando, junto com a FAFICH, a Educação e os Institutos, se denominava simplesmente Faculdade de Filosofia. Antes mesmo de graduar-se, já lecionava na Faculdade e nela permaneceu como professor até à compulsória, isto é, aos 70 anos, idade em que o docente das federais tem de obrigatoriamente aposentar-se. O de que o Wilton mais gostava era lecionar, era fazer da sala de aula sua melhor prática profissional. Tanto que, já doente, deu uma aula de duas horas um mês antes de morrer.

Também cerca de um mês depois da aposentadoria obrigatória, cheguei à casa do Wilton (nunca moramos na mesma casa) e ouvi, da janela, sua voz, em tom e jeito de aula. Pensei que estivesse ensaiando alguma conferência, para não ultrapassar o tempo, pois às vezes preferia fazer palestras sem ler o texto delas. Engano: ele estava, realmente, dando uma aula para as cadeiras vazias da sala de jantar, que arrumara como se fossem carteiras. Não se conformava com o fim da atividade docente. Entre as muitas lições que ele me deu, tanto de vida quanto de literatura, a maior foi, sem dúvida, o amor ao magistério. Felizmente, pouco tempo depois, a Ângela Vaz Leão, já aposentada na UFMG e Coordenadora da Pós-graduação em Letras na PUC Minas, convidou-o a lecionar no Curso, onde permaneceu até à morte, feliz em dar suas queridas aulinhas.

Por outro lado, era o terror da burocracia universitária. Quase enlouquecia os funcionários das seções de ensino das escolas, além da UFMG, onde lecionou Literatura Brasileira, Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa: no início da profissão, acumulava as aulas da Faculdade de Filosofia com aulas em cursos de vestibular e nos colégios Marconi e Santa Dorotéia. Depois estabeleceu-se no Colégio Estadual Governador Milton Campos – onde foi reitor; lecionou também na Universidade de Brasília e na Federal do Rio de Janeiro.

Vivia em luta com a burocracia porque sempre detestou avaliações, aplicar provas, preencher cadernetas, atribuir notas, apesar de ler com todo o empenho os escritos dos alunos. Afirmava que a função do professor era dar aulas, conversar com os alunos, ler e comentar os seus trabalhos, e ponto final.

Seu antiburocratismo não podia ser interpretado como atitude preguiçosa diante das demais tarefas do docente. A prova disso é que comparecia às reuniões colegiadas para discutir assuntos de ensino, pesquisa e administração acadêmica e costumava levar para a sala a aula escrita, mesmo que não seguisse de perto o texto. Outra prova é a de que ocupou vários cargos e funções dentro da burocracia universitária na UFMG, destacando-se os de Coordenador do Setor de Literatura Brasileira e do Curso de Pós-graduação, Chefe do Departamento de Letras Vernáculas, Vice-diretor da FAFICH e da Letras, Presidente da COPERTIDE – o órgão que tratava da contratação de docentes para a Universidade –, Presidente do Centro de Estudos Portugueses, Diretor do Departamento de Letras da Universidade de Brasília e Membro do Conselho Estadual de Educação.

Retomando a questão das avaliações: se dependesse dele, todos os alunos sempre teriam nota máxima, automaticamente, pois partia do princípio de que o aprendizado da Língua e da Literatura é inavaliável. E brincava: saber teoricamente os fatos da língua não significa necessariamente saber a língua, saber expressar-se com clareza e correção, oralmente e por escrito. Costumava tomar a exceção como regra, ao dizer que Machado de Assis talvez nem tivesse completado o curso primário e é tido como o maior escritor da língua portuguesa. Assim, só fazia questão de que o texto dos alunos fosse bem escrito. O filólogo e gramático Celso Cunha foi um dos maiores amigos do Wilton: com ele escreveu um livro didático e auxiliou-o na revisão da Constituição Brasileira. Lembro-me de ambos reclamarem de imprecisões, lacunas e subjetividades no texto constitucional. Tinham a convicção de que era possível redigir textos de Lei que só diriam aquilo que se queria dizer, sem subjetivismos nem ambigüidades, e aquele não era bem assim. Entretanto, como não tinham poderes para alterar a redação do Congresso Nacional, faziam brincadeiras: se as leis fossem redigidas com clareza, a profissão de advogado estaria com os dias contados.

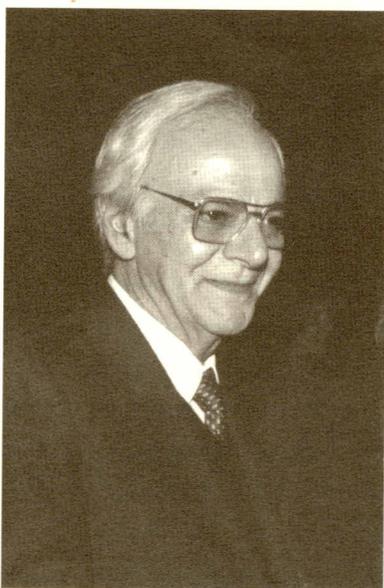
Às vezes discutia com o amigo questões filológicas, tais como caminhos para o estabelecimento da norma culta do português brasileiro, objeto de pesquisa então coordenada por aquele professor, também já falecido. Sem

ser purista em matéria de correção gramatical, o Wilton preferia usar e abusar de formas de expressão mais tradicionais, de vocabulário a que eu chamava de “exótico”, grande conhecedor que era da Língua Portuguesa. Para ele, conhecer Literatura era, antes de mais nada, ler Literatura. E leu muito, leu sempre, até que, aos oitenta anos, uma degeneração da mácula ocular, incurável, praticamente o impediu de ler. De grande leitor, passou a ouvinte, mas não era a mesma coisa. Nem isso lhe causou estresse, pois estava seguro de que, dentro em breve, a ciência iria descobrir um jeito para que ele voltasse a ler.

Lecionou ininterruptamente durante sessenta anos, com todo o amor à profissão. Seu tema predileto: Machado de Assis. Tema que foi o de sua tese para concurso de professor catedrático, hoje mais ou menos correspondente a professor titular – última etapa da carreira docente. A obra de Machado constituiu-se em sua eterna paixão. Sabia de cor imenso número de textos do escritor, até mesmo contos inteiros. As personagens machadianas eram-lhe tão familiares que, não raro, surpreendia-me com seus comentários sobre elas, como se fossem seres de carne e osso. Durante algum tempo, na virada da década de 1970 para 1980, ia ao Rio todas as semanas para lecionar na Pós-graduação da UFRJ, em substituição a Eduardo Portella, quando este exerceu o cargo de Ministro da Educação. Acompanhava-o sempre que podia. Visitávamos o Rio antigo, atrás de locações de romances e contos de Machado. Quantas vezes passamos pela Rua de Matacavalos, atual Riachuelo, fantasiando encontrar Capitu! De brincadeira, tentávamos localizar, na Gamboa, a casinha dos encontros de Virgília com Brás Cubas. Não foi gratuito o fato de, embora não tendo sido informado de sua doença – um violento câncer de pulmão – sua última conferência, realizada na sede da Academia Mineira de Letras, ter tratado a questão da morte em textos machadianos.

No entanto, acredito que a maior qualidade do Wilton não passa por sua vida profissional, acadêmica, de fraternidade nem de companheirismo. Sua grande virtude foi o imenso amor aos quatro filhos, que teve com sua primeira mulher. Até o último minuto de vida estive a seu lado e pude testemunhar que tudo fez para eles e por eles. Sempre os considerou como seus maiores amigos e ajudava-os em tudo, sem exigir nada em troca. Nunca mediu sacrifícios para dar-lhes o céu, se isso lhe pedissem. Durante a vida inteira foram eles sua constante preocupação, ou melhor, sua obsessão. Assim viveu, assim morreu. Sentindo correr em suas veias a força do sangue, a empenhada felicidade de ser pai, mesmo nos momentos de decepções e desenganos. Em

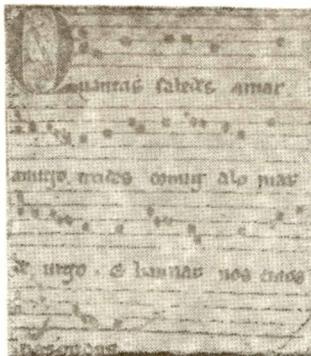
nosso longo tempo de convivência, eu percebia que o seu profundo sentimento de paternidade era aquilo que mais o caracterizava como ser humano. Esse foi, a meu ver, sua maior lição de vida, seu legado de amor. Nesse sentido, discordou do grande ídolo Machado de Assis, ao negar o pessimismo implícito na última frase do *Memórias póstumas de Brás Cubas*: “Não tive filhos. Não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.



Wilton Cardoso
Acervo Leticia Malard

WILTON CARDOSO

DA
CANTIGA DE SEGUIR
NO CANCEIRO PENINSULAR
DA IDADE MÉDIA



BELO HORIZONTE

1977